

Foz C6a:

Inscrita na Pedra

Preservação das Gravuras

História de Foz C6a

Universidade

Valores Simbólicos

Notas e Comentários

Ciência

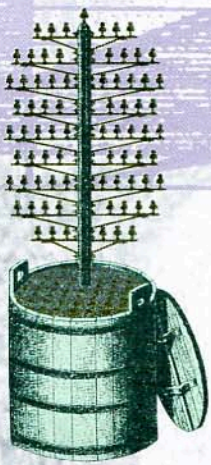
Tecnologia do Mar

Arquitetura

MicroStamps

U N I V E R S I D A D E D O P O R T O

Boletim



Ficha Técnica

Director
Alberto Amaral,
Reitor da Universidade do Porto

Sub-Directora
Prof.ª Teresa Lago (FCUP)

Coordenação Editorial e Redacção
Maria Isabel Pacheco (coordenadora)
Paulo Gusmão Guedes (coordenador adjunto)

Conselho editorial
Prof. Alexandre Alves Costa (FAUP),
Prof. Arnaldo Saraiva (FLUP),
Prof. Jorge Olímpio Bento (FCDEF),
Prof. José Madureira Pinto (FEP),
Prof. Manuel Sobrinho Simões (FMUP),
Prof. Paulo Tavares de Castro (FEUP).

Coordenador do número
Alberto Amaral

Arranjo Gráfico
Incomun

Fotografia
Duarte Belo; pp. 12-15, cortesia do Plano Arqueológico do Côa; p. 44, cortesia da Câmara Municipal de Matosinhos; p. 48, cortesia do Museu de Ciência da UP.

O Boletim agradece o apoio da Associação Projecto Património.
Os desenhos de António Quadros são uma cortesia de José Forjaz.

Colaboradores neste número
Agostinho Álvares Ribeiro, António Manuel Figueiredo, António M. Galopim de Carvalho, António de Sousa Pedrosa, Carlos A. Brochado de Almeida, Cesário de Matos, Francisco Ribeiro da Silva, Gaspar Martins Pereira, Joaquim Moreno, José Forjaz, José Mattoso, Jorge Figueira, Luís Aires-Barros, Luís Miguel Duarte, Maria Angeles Querol, Maria Ondina Figueiredo, Nelson Rebanda, Rui M. V. Cortes, Vitor Oliveira Jorge.

Publicação periódica
nº 25 - Ano V, 1/Junho 1995

Propriedade:
Fundação Gomes Teixeira

Redacção:
Rua D. Manuel II - 4003 Porto Codex
Telf. 6004981 (ext. 32)
Telefax 6001724

Registo na D.G.C.S.: 114891
Depósito legal: 41283/90

ISSN: 0871-7249

Tiragem: 7.000 exemplares

Preço por número: 500\$00
Assinatura anual (4 números): 2.000\$00

Execução gráfica:
Edições Afrontamento, Lda
R. Costa Cabral, 859 - 4200 Porto

É proibida a reprodução de artigos, gráficos ou fotografias sem a autorização escrita do Director.

Sumário

- 2 **Editorial**
- Painel**
“Foz Côa - Inscrita na Pedra”
- 5 **Côa: Cosmos ou Caos?**
Vitor Oliveira Jorge
- 11 **Barragem de Vila Nova de Foz Côa**
Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre
Nelson Rebanda
- 17 **Foz-Côa**
Portugal e a gestão global da água na bacia nacional do Douro
A. Álvares Ribeiro
- 21 **A Preservação das Gravuras: 2 depoimentos, 4 pareceres**
Reflexões sobre os estudos para preservação das gravuras rupestres do Côa, *Luís Aires-Barros (21)*
Considerações sobre a preservação das gravuras rupestres do Côa, *Maria Ondina Figueiredo (24)*
Parecer 1, *António M. Galopim de Carvalho (25)*
Parecer 2, *Departamento de Minas da FEUP (25)*
Parecer 3, *Rui M. V. Cortes (26)*
Parecer 4, *António de Sousa Pedrosa (26)*
- 27 **Fragmentos da História de Foz Côa**
Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização na Bacia Inferior do Rio Côa
Carlos A. Brochado de Almeida (27)
Ribacôa na Idade Média: quando o fim do mundo era ‘centro do mundo’
Luís Miguel Duarte (29)
Vila Nova de Foz Côa na Época Moderna
Francisco Ribeiro da Silva (30)
Notas para a História Contemporânea de Foz Côa
Gaspar Martins Pereira (33)
- 37 **Uma Digressão Intimista e Amarga pelas Oportunidades de Desenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro ou a Perversão Exemplar do Processo das Gravuras Rupestres do Côa**
António Manuel Figueiredo
- 42 **Universidade**
Valores Simbólicos, *José Mattoso (42)*
La Foz del Côa, marco perfecto para un parque cultural, *M. Angeles Querol (43)*
- 44 **Notas e Comentários**
Centro de Ciências e Tecnologias do Mar (44)
António Quadros, Professor, *José Forjaz (46)*
3 textos sobre António Quadros: *Jorge Figueira, Joaquim Moreno, Cesário de Matos (48)*
MicroScapes (48)

Considerações sobre a preservação das gravuras rupestres do Côa

Maria Ondina Figueiredo

Citando Vítor Oliveira Jorge, a “obra de arte, o monumento a preservar, é o vale — o equivalente ao ar livre de uma gigantesca gruta — e não cada conjunto de gravações”, de entre o inestimável espólio que nos foi legado pelo homem paleolítico e que podemos ainda admirar em resultado do recato a que tais testemunhos foram sujeitos no decurso de duas dezenas de milénios. Paradoxalmente, foi uma Natureza agreste que os preservou de um contacto estreito com a actividade e evolução humanas, as quais implicam necessariamente alteração do meio ambiente. Afigura-se provável que essas mesmas condições — nomeadamente o clima e a geomorfologia — tenham contribuído decisivamente para a prevalência da superfície rochosa em meio subaéreo, garantindo ainda hoje a observação visual inequívoca das gravações que a actual pesquisa tem levado ao nosso conhecimento.

Admitindo — por hipótese — que esse suporte litológico das gravuras rupestres do Côa podia ser removido com segurança do seu implante no maciço xisto-grauváquico utilizando uma tecnologia adequada, seria então viável acautelá-lo num museu. Essa situação teria paralelo, por exemplo, na remoção de pinturas românicas religiosas do seu substrato mural e posterior colocação em simulações museológicas, evento a todos os títulos feliz por assegurar a respectiva conservação, proporcionando às gerações futuras a admiração de tão preciosas obras de arte. Acontece, porém, que uma tal tecnologia de corte de rocha xistenta em local tão acidentado não parece estar ainda estabelecida com fiabilidade, e o respectivo desenvolvimento requer estudo, ensaio e tempo de implementação, não se apresentando como solução imediata para o problema da preservação das gravuras. Acresce referir que a própria manutenção museológica de peças líticas conservadas em meio subaéreo num estado de reduzida degradação meteórica exige cuidada ponderação da eventual influência das alterações induzidas pelo ambiente artificial assim criado.

Por outro lado, a eventual submersão das massas rochosas de superfície gravada — caso a construção da barragem tivesse o seguimento preconizado — poria em risco, no mínimo, a salvaguarda das gravuras rupestres no seu estado actual de conservação. Na verdade, é ainda incipiente o estado actual do conhecimento dos processos de degradação dos diversos tipos litológicos em meio subaquático, pouco se sabendo sobre os mecanismos físicos e químicos (incluindo os que são biologicamente induzidos) envolvidos nos processos de alteração à escala dos minerais constituintes das rochas, mais se desconhecendo ainda a influência de eventuais factores externos (nomeadamente biogénicos) sobre a cinética desses mesmos processos.

Os estudos de conservação de materiais litológicos em relação com a Arte têm incidido essencialmente sobre as rochas correntemente utilizadas na edificação de monumentos e na confecção de peças escultóricas, com relevo para os mármore, os calcários e os granitos. As rochas xistentas raramente foram estudadas nesse âmbito, pelo que a eventualidade acima ponderada exigiria também um investimento temporal significativo para que pudessem ser produzidos resultados fiáveis e úteis.

Assim, se a preservação do vale do Côa, no seu estado actual, se vier a mostrar insustentável — o que não foi ainda cabalmente provado —, o factor “tempo” prevalece indubitavelmente na ponderação dos dois cenários acima considerados para a conservação das gravuras rupestres, afigurando-se a todos os títulos imprescindível alargar o prazo de avaliação de riscos e análise de soluções — porque, seja qual for a solução final encontrada, o interesse colectivo impõe seguramente que se preserve e acautele um tão valioso património.



A autora é investigadora coordenadora do Instituto de Investigação Científica Tropical e Professora Catedrática Convidada da Universidade Nova de Lisboa.